

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

O
PALÁCIO
DE PAPEL

MIRANDA
COWLEY HELLER



*Para Lukas e Felix, os meus dois amores
E para a minha avó, Muriel Maurer Cowley,
cujo amor ardente nunca vacilou*

*Passado e futuro vemos,
E sonhamos com o que não há:
No riso mais sincero
Sempre alguma dor está;
A mais doce canção encerra a mais triste recordação.*

PERCY BYSSHE SHELLEY, «*To a Skylark*»

Livro Um



ELLE

CAPÍTULO 1

Hoje. 1 de agosto, Back Woods.

6h30

As coisas surgem do nada. A mente está vazia e depois, perfeitamente enquadrada, uma pera. Perfeita, verde, o pé inclinado, uma folha solitária. Está numa fruteira de porcelana branca, aninhada entre as limas, no centro de uma mesa de piquenique desgastada pelo tempo, num velho alpendre fechado, no fundo da mata, à beira-mar. Junto à fruteira está um candelabro de estanho coberto de pingos de cera fria e do pó entranhado resultante de um longo inverno numa prateleira aberta. Pratos de massa meio comida, um guardanapo de linho dobrado, restos de clarete numa garrafa de vinho, uma tábua de pão, artesanal, por envernizar, o pão partido e não fatiado. Na mesa jaz aberto um livro de poesia com inícios de bolor. Proclamado aos céus — doloroso e emocionante — na minha mente, volto a ouvir «To a Skylark», enquanto miro a natureza-morta do jantar da véspera. «*O mundo devia tê-lo ouvido, como eu ouço agora.*». Leu-o de forma tão bela. «Para a Anna.» E ali ficámos, fascinados, a recordá-la. Olhasse-o eu por toda a eternidade, e nada mais, e seria feliz. Podia ouvi-lo, de olhos fechados, sentir-lhe o fôlego e as palavras a encher-me, vezes sem conta. É tudo o que quero.

Além da borda da mesa, a luz fica ténue ao passar pelas redes, voltando a brilhar sobre as árvores mescladas, o azul puro da água, as sombras escuras dos tupelos-negros à beira da água, onde o sol custa a chegar a esta hora da manhã. Vejo um resto de café frio numa

chávena suja e pondero bebê-lo. O ar está frio. Tremo no robe de alfazema debotada — da minha mãe — que visto todos os verões quando aqui regressamos. Cheira a ela, e a uma dormência com um toque de caganitas de rato. Esta é a minha hora preferida em Back Woods. De manhã cedo, na lagoa, antes de mais alguém acordar. A luz clara e gelada, a água a chapinhar, os noitibós finalmente silenciados.

No pequeno deque de madeira, fora do alpendre, acumulou-se areia entre as tábuas — tem de ser varrido. Está uma vassoura encostada à porta de rede, a marcá-la, mas ignoro-a e dirijo-me ao carreiro de acesso à nossa praia. Atrás de mim, as dobradiças da porta gemem na sua resistência.

Largo o robe para o chão e fico nua à beira da água. No outro lado da lagoa, além dos pinheiros e dos arbustos, o oceano ruge, furioso. Deve trazer uma tempestade no seu âmag, chegada de algures no mar alto. Mas aqui, à beira da lagoa, o ar continua calmo e sereno. Espero, observo, escuto... os piados, o zumbir dos pequenos insetos, um vento que agita suavemente as folhas das árvores. Depois entro até aos joelhos e mergulho de cabeça na água gélida. Nado até fora de pé, além dos nenúfares, levada pelo entusiasmo, pela liberdade, pela adrenalina advinda de um pânico inexprimível. Tenho medo que uma tartaruga-mordedora chegue das profundezas e me trinque os seios pesados. Ou talvez seja atraída pelo cheiro a sexo que se liberta quando abro e fecho as pernas. De repente, sinto-me assoberbada pela necessidade de voltar à segurança dos baixios, onde consigo ver o fundo arenoso. Quem me dera ser mais corajosa. Mas também adoro o medo, o fôlego que me fica preso na garganta, o coração aos saltos quando saio da água.

Torço o meu cabelo comprido para eliminar a água, apanho uma toalha puída da corda que a minha mãe pendurou entre dois pinheiros raquíticos, deito-me na areia quente. Uma libelinha de um azul-elétrico pousa-me no mamilo e ali se demora, antes de partir à sua vida. Uma formiga arrasta-se sobre as dunas sarianas que o meu corpo acabou de criar no seu caminho.

Ontem, por fim, fodi-o. Depois de tantos anos a imaginá-lo, sem saber se ele ainda me desejava. E, depois, o momento em que tive a certeza de que aconteceria: muito vinho, a voz bela de Jonas a declamar uma ode, o meu marido, Peter, deitado no sofá, num torpor de aguardente, os meus três filhos a dormirem no seu pavilhão, a minha mãe já no lava-louça, a lavar os pratos com as luvas de borracha amarela, a ignorar os convidados do jantar. Os nossos olhos cruzaram-se por um instante a mais. Levantei-me da mesa barulhenta, tirei as cuecas na despensa e escondi-as atrás da caixa do pão. Depois saí para a noite, pelas traseiras. Aguardei nas sombras, a ouvir o som dos pratos, da água, dos copos, dos talheres a retinirem juntos debaixo da espuma. Esperei. Desejei. E depois, ali estava ele, a erguer-me contra a parede da casa, a levar as mãos abaixo do meu vestido. «Amo-te», murmurou. Arquejei quando ele entrou em mim. E pensei: agora não há volta atrás. Acabaram-se os remorsos pelo que não fiz. Agora só lamento o que fiz. Amo-o, detesto-me; adoro-me, odeio-o. Este foi o fim de uma longa história.

1966. Dezembro, cidade de Nova Iorque.

Estou a gritar. Grito e soluço até que, por fim, a minha mãe se apercebe de que algo se passa. Corre comigo para o consultório do médico, imaginando-se uma verdadeira Miss Clavel enquanto sobe Park Avenue, aterrada, a bebé de três meses de vida agarrada ao colo. O meu pai também corre, de pasta na mão, Madison Avenue acima, vindo do Fred F. French Building. A mente fervilha-lhe, temendo a impotência que sente agora, como em tudo o resto que faz. O médico diz-lhes que não há tempo — se esperarem, a bebé vai morrer — e arranca-me dos braços da minha mãe. Na mesa de operações, abre-me a barriga, qual melancia madura. Um tumor rodeou-me os intestinos, e junto ao seu aperto férreo acumulou-se merda tóxica

que introduz veneno no meu corpo minúsculo. A merda acumula-se sempre, e o essencial é sobreviver, mas só virei a aprender isso passados muitos anos.

Enquanto está dentro de mim, o médico, descuidado, extirpa-me um ovário na pressa de retirar a morte do interior da vida. Também só o virei a saber passados muitos anos. Quando o venho a saber, a minha mãe chora por mim pela segunda vez. «Lamento tanto», diz ela. «Devia tê-lo obrigado a ter mais cuidado» — como se tivesse tido nas mãos o poder de alterar o meu destino, optando por não o usar.

Mais tarde fico num berço no hospital, os braços atados ao lado do corpo. Grito e choro, viva, lívida com a fúria que sinto por tal injustiça. Não deixam que a minha mãe me amamente. O leite seca-lhe. Passa-se quase uma semana até que, por fim, me libertam as mãos das amarras. «Foste sempre um bebé tão feliz», diz o meu pai. «A partir daí», acrescenta a minha mãe, «nunca mais deixaste de gritar».

7h30

Viro-me de bruços, deito a cabeça nos antebraços. Adoro o cheiro a doce e a salgado com que a minha pele fica quando estive ao sol — um cheiro almiscarado e frutado, como se estivesse a ser curada. Ouço um leve bater de porta ao fundo do carreiro entre a casa principal e os pavilhões dos quartos. Levantou-se mais alguém. Pés esmagam folhas secas. O chuveiro exterior abre-se. Os canos gemem, acordando para o dia. Suspiro, vou buscar o robe à praia e regresso à casa.

O nosso campo tem um edifício principal — a Casa Grande — e quatro pavilhões com um quarto que se estendem por um carreiro coberto de agulhas de pinheiro que abraça a margem da lagoa. Pequenos pavilhões de ripas, todos com telhado íngreme para impedir que a neve se acumule, uma claraboia única, compridas janelas

laterais de cada lado. Antiquado, rústico, sem luxos. Tal como deve ser um pavilhão de campo de Nova Inglaterra. Entre o carreiro e a lagoa, temos um estreito renque de árvores — folhados em flor, loureiros e mirtilos selvagens — que nos protegem dos olhares indiscretos dos pescadores e dos banhistas entusiasmados, que conseguem nadar até ao nosso lado da lagoa a partir da pequena praia pública na margem oposta. Não podem vir a terra, mas por vezes ficam a metro e meio da margem, diretamente à frente das árvores, alheios ao facto de estarem a invadir-nos as vidas.

Seguindo por um caminho separado, atrás dos pavilhões, fica a velha casa de banhos. Tinta a escamar, um lavatório de esmalte enferrujado coberto pelas manchas creme das traças mortas que durante a noite foram atraídas pela luz sobranceira; uma banheira de pés de galo vetusta que ali está desde que o meu avô construiu o campo; um duche exterior — canos de água quente e fria presos a um tupelo-negro, a água a cair diretamente no chão, a escorrer pelo carreiro arenoso.

A Casa Grande é um único espaço aberto — sala de estar e cozinha, com uma despensa separada —, feito de tijolos de escória e papel alcatroado. Soalhos de tábuas, vigas grossas, uma lareira de pedra imensa. Quando chove, fechamos as portas e as janelas e ficamos lá dentro, a ouvir o lume a crepitar, e obrigamo-nos a jogar *Monopólio*. Mas o sítio onde *realmente* vivemos — onde lemos, onde comemos, onde discutimos, onde envelhecemos juntos — é o alpendre fechado, tão largo como a casa, com vista para a lagoa. O nosso campo não é à prova de inverno. Não valia a pena. Em finais de setembro, quando o tempo arrefece e as casas de verão foram encerradas com o fim da temporada, Back Woods é um lugar solitário — não deixa de ser lindo com uma luz mais forte, mas é solene e sepulcral. Ninguém lá quer estar depois da queda das folhas. Agora, quando o verão recomeça, quando a mata se torna densa e as garças voltam para nidificar e para passearem na lagoa brilhante, não há melhor lugar no mundo.

Assim que volto a entrar no alpendre, sou assoberbada por uma onda de anelo, um furacão que me enche o peito de saudade. Sei que devia levantar a mesa antes de os outros virem tomar o pequeno-almoço, mas quero memorizar a sua forma — reviver a noite anterior, migalha a migalha, prato a prato, gravá-la com ácido na minha mente. Passo os dedos por uma nódoa roxa de vinho na toalha de linho branco, levo o copo de Jonas aos lábios e tento saboreá-lo. Fecho os olhos, recordando a leve pressão da coxa dele contra a minha debaixo da mesa. Antes de ter a certeza de que ele me queria. A interrogar-me, ansiosa, se o toque teria sido acidental ou propositado.

No espaço aberto está tudo como sempre esteve: panelas penduradas na parede do fogão, espátulas em suportes de canecas, uma jarra de cerâmica com colheres de pau, uma lista de números de telefone desbotados presa com um pionés a uma estante, duas cadeiras de realizador junto à lareira. Está tudo na mesma, mas, ao atravessar a cozinha em direção à despensa, sinto-me como se estivesse num espaço diferente, mais focado, como se o próprio ar tivesse despertado de um sono profundo. Saio pela porta da despensa, fito a parede de escória. Não se vê nada. Não há vestígios, não há marcas. Mas foi ali, estivemos ali, a gravarmo-nos um no outro para sempre. Uma troca intensa, silenciosa, desesperada. De repente, lembro-me das cuecas escondidas atrás da caixa do pão e estou a vesti-las por baixo do robe quando a minha mãe aparece.

— Levantaste-te cedo, Elle. Há café? — Uma acusação.

— Ia fazer agora.

— Não o faças muito forte. Não gosto daquele café expresso que tu usas. Eu sei... achas que é melhor... — comenta ela, num tom falso e condescendente que dá comigo em louca.

— Está bem. — Esta manhã não me apetece discutir.

A minha mãe instala-se no sofá do alpendre. Não passa de um colchão de crina de cavalo duro tapado com um pano cinzento velho, mas é o lugar mais cobiçado da casa. Dali podemos olhar para a lagoa, beber um café, ler um livro recostados nas almofadas antigas,

as fronhas de algodão marcadas com ferrugem. Não fazia ideia de que o tecido ganhava ferrugem com o tempo.

Tão típico da parte dela apoderar-se do melhor lugar.

O cabelo da minha mãe, louro sujo, agora mesclado com grisalho, está apanhado num puxo desajeitado. A velha camisa de dormir de guingão está esfiapada. Mas ela ainda consegue ter um ar imponente — qual carranca de uma escuna setecentista de Nova Inglaterra, bela e severa, engalanada com louros e pérolas, sempre a apontar o caminho.

— Vou tomar café e depois levanto a mesa — informo.

— Se levantares a mesa, eu trato do resto da louça. *Hummm* — murmura —, obrigada — quando lhe entrego uma caneca de café. — Como estava a água?

— Perfeita. Fria.

A melhor lição que a minha mãe me ensinou: há duas coisas na vida de que nunca nos arrependemos — um bebé e um mergulho. Mesmo nos dias mais frios do início de junho, ao olhar para o Atlântico picado, ressentida com as focas que deixam ver as cabeças horrivelmente deformadas e atraem tubarões-brancos para estas águas, ainda ouço a voz dela na minha cabeça, a incitar-me a mergulhar.

— Espero que tenhas pendurado a toalha na corda. Hoje não quero ver mais um monte de toalhas molhadas. Avisa os miúdos.

— Está pendurada.

— Porque, se não ralhares com eles, ralho eu.

— Já percebi.

— E eles que varram a cabana deles. Está uma lástima. E não quero que sejas tu a fazê-lo, Elle. Aqueles miúdos são uns mimados. Já têm idade suficiente para...

Saio à porta das traseiras de saco de lixo numa mão e caneca de café na outra, deixando que a litania dela seja levada pelo vento.

O pior conselho que me deu: *Lembra-te de Botticelli*. Sê como a Vénus que se ergue da concha, os lábios recatadamente fechados,

até a nudez modesta. Foi esse o conselho da minha mãe quando fui morar com Peter. A mensagem chegou num postal desbotado que ela comprara anos antes, na loja de recordações dos Uffizi: *Querida Eleanor, Gosto muito do teu Peter. Esforça-te por não seres sempre tão difícil. Fecha a boca e põe um ar misterioso. Lembra-te de Botticelli. Beijos, mamã.*

Atiro o lixo para o latão, fecho a tampa com força e prendo-a com a corda elástica para afastar os guaxinins. São umas criaturinhas espertas, com dedos compridos ágeis. Pequenos ursos humanoides, mais inteligentes e ruins do que parecem. Há anos que travamos uma guerra uns contra os outros.

— Lembraste-te de voltar a esticar a corda, Elle? — pergunta a minha mãe.

— Claro. — Ofereço um sorriso recatado e começo a levantar os pratos.

1969. Cidade de Nova Iorque.

O meu pai não demora a aparecer. Estou escondida — agachada por trás do módulo de bar que separa a sala do átrio de entrada. O bar está dividido em quadrados. Um contém bebidas alcoólicas, o outro, o fonógrafo, outro, a coleção de discos do meu pai, alguns álbuns de arte grandes, copos de martíni, um misturador de prata. A secção do álcool é aberta de ambos os lados, como uma janela. Espreito através das garrafas, fascinada com a desfocagem do topázio — o *scotch*, o *bourbon*, o rum. Tenho três anos de idade. Ao meu lado estão os preciosos LP e 78 rotações do meu pai. Passo o dedo pelas lombadas e aprecio o som que faço, inspiro o cheiro a cartão usado, espero que a campainha toque. Por fim, o meu pai chega, e já não tenho paciência para continuar escondida. Já se passaram semanas. Apresso-me corredor abaixo, atiro-me ao abraço apertado dele.

O divórcio ainda não está finalizado, mas quase. Para isso, terão de atravessar a fronteira para Juárez. O final chegará enquanto eu e a minha irmã mais velha, Anna, nos sentamos pacientemente à beira de uma fonte octogonal forrada com azulejos mexicanos, no átrio de um hotel, hipnotizadas pelos peixinhos dourados a nadar em torno de uma ilha de plantas tropicais de folhas escuras que se encontra ao centro. Muitos anos depois, a minha mãe diz-me que nessa manhã ligou ao meu pai, de papéis de divórcio na mão, e disse «Mudei de ideias. Não vamos avançar». E, embora o divórcio tivesse sido uma opção só dela, e embora ele tivesse ficado com o coração partido, ele respondeu: «Não. Já chegámos a este ponto — mais vale acabarmos, Wallace.» *Mais vale*: três sílabas que mudaram o rumo de tudo. Mas, naquele momento, em que estou a dar migalhas de *muffin* aos peixes, a bater com os calcanhares nos azulejos, não fazia ideia do que pairava sobre a minha cabeça. De que as coisas podiam ter sido diferentes.

Mas o México ainda não aconteceu. Por agora, o meu pai continua falsamente alegre e apaixonado pela minha mãe.

— Eleanor! — Pega-me ao colo. — Como está a minha coelhinha?

Rio-me e agarro-me a ele com uma sensação próxima do desespero, os meus caracóis louros a cegá-lo enquanto encosto a cara à dele.

— Papá! — Anna chega, desembestada como um touro, furiosa por eu ter chegado primeiro, e empurra-me dos braços dele. É dois anos mais velha do que eu e tem mais direitos. Ele não parece notar. Só quer saber da sua necessidade de ser amado. Volto a meter-me entre eles.

A minha mãe chama do interior do nosso apartamento pré-guerra descorado:

— Henry? Queres uma bebida? Estou a fazer costeletas de porco.

— Adorava — responde, no seu barítono, como se nada entre eles tivesse mudado. Mas os olhos estão tristes.

8h15

— Parece que a noite de ontem foi um êxito — diz a minha mãe atrás de um romance encarquilhado de Dumas.

— Mesmo.

— O Jonas estava muito bem.

Sinto as mãos retesarem-se em torno da pilha de pratos que seguro.

— O Jonas está sempre bem, mãe. — Cabelo preto, grosso, que podemos agarrar entre os dedos, olhos verde-claros, pele lustrosa com resina, uma criatura selvagem, o homem mais bonito à face da Terra.

A minha mãe boceja. É o seu «sinal» — faz sempre isto antes de dizer qualquer coisa desagradável.

— Ele não está mal, é a mãe que eu não suporto. Tão arrogante.

— Pois é.

— Como se fosse a única mulher do mundo que já reciclou. E a Gina. Mesmo depois de tantos anos, continuo sem fazer ideia do que lhe passou pela cabeça quando se casou com ela.

— É jovem, é linda? São ambos artistas?

— *Era* jovem — corrige a minha mãe. — E a maneira como expõe o decote. Sempre a pavonear-se como uma arara. Pelos vistos, nunca ninguém lhe disse para baixar a crista.

— É bizarro — respondo, dirigindo-me à cozinha para pousar a louça. — Autoestima. Os pais devem tê-la apoiado.

— Pois eu acho que é muito pouco atraente — conclui a mãe. — Há sumo de laranja?

Tiro um copo lavado do escorredor e vou ao frigorífico.

— Por acaso — digo mais alto — deve ter sido por isso que o Jonas se apaixonou por ela. Deve ter-lhe parecido exótica depois das neuróticas com que ele cresceu. Como uma pavo na mata.

— Ela é do Delaware — lembra a minha mãe, como se isso encerrassem o tema. — Ninguém é do Delaware.

— Exatamente — digo-lhe, entregando-lhe um copo de sumo.
— É exótica. — Mas a verdade é que nunca consegui olhar para Gina sem pensar: Foi *aquela* que ele escolheu? Foi *aquela* que ele quis? Imagino Gina mentalmente: o corpinho miúdo de cintura de vespa; raízes escuras perfeitamente tratadas que desembocam num louro oxigenado. Parece óbvio que o pré-lavado voltou a estar na moda.

A minha mãe boceja mais uma vez.

— Bem, tens de admitir que ela não é propriamente um exemplo de inteligência.

— Houve alguém ao jantar de quem *tivesses* gostado?

— Estou só a ser sincera.

— Não sejas. A Gina faz parte da família.

— Só porque não tens alternativa. Ela casou-se com o teu melhor amigo. Desde que se conheceram, não podes com ela.

— Isso não é verdade. Sempre gostei da Gina. Podemos não ter muita coisa em comum, mas respeito-a. E o Jonas ama-a.

— Como queiras — remata a minha mãe com um sorriso de esguelha.

— Valha-me Deus. — Posso ter de a matar.

— Não lhe chegaste a atirar um copo de vinho tinto à cara?

— Não, mãe. Eu *não* lhe atirei um copo de vinho à cara. Tropecei numa festa e entornei vinho em cima dela.

— Tu e o Jonas passaram a noite a falar. Falaram sobre o quê?

— Não sei. Coisas.

— Ele tinha uma paixoneta tão grande por ti quando estavam a crescer. Acho que teve um desgosto quando te casaste com o Peter.

— Não sejas ridícula. Ele era praticamente um miúdo.

— Oh, acho que era mais do que isso. Coitadinho. — Di-lo num tom indolente enquanto regressa à leitura. Ainda bem que não está a olhar para mim, porque neste momento sei que a minha cara está transparente.

Na lagoa, a água está imóvel. Um peixe salta e deixa atrás de si um rasto de círculos concêntricos. Vejo-os desfazerem-se nas bordas até serem reabsorvidos, como se nada tivesse acontecido.

CAPÍTULO 2

8h45

Depois de levantada a mesa, com a louça empilhada junto ao lavatório, fico à espera de que a minha mãe perceba a deixa e vá dar o mergulho matinal — que me deixe em paz por dez minutos. Tenho de avaliar as coisas. Preciso de clareza. Peter vai acordar não tarda. Os miúdos vão acordar. Estou ansiosa por algum tempo. Mas ela estende a caneca de café.

— Sê uma querida, sim? Só meia caneca.

Tem a camisa de dormir arregaçada, pelo que daqui consigo ver tudo. A minha mãe acredita que usar roupa interior na cama faz mal à saúde. «À noite é preciso arejar», dizia-nos quando éramos pequenas. Claro que eu e Anna a ignorávamos. O conceito parecia-nos embaraçoso, sujo. Pensar que ela tinha vagina enojava-nos, e era ainda pior que estivesse à mostra durante a noite.

— Ele devia deixá-la — comenta a minha mãe.

— Quem?

— A Gina. É uma chata. Quase adormeci à mesa a ouvi-la dar à língua. Ela «faz arte». A sério? E isso interessa-nos? — Boceja, após o que diz: — Eles ainda não têm filhos. Nem parece um casamento a sério. Mais vale que ele se safe enquanto pode.

— Isso é ridículo. Eles têm um casamento sólido — retruco. Mas ainda nem acabei de falar e já penso: Estará a ler-me os pensamentos?

— Não sei porque estás tão defensiva, Elle. Ele não é *teu* marido.

— É uma coisa parva de se dizer, só isso. — Abro a porta do frigorífico e atiro com ela, verto leite no meu café. — «Sem filhos não há casamento?» Mas quem é a mãe?

— Tenho direito à minha opinião — diz ela num tom calmo que se destina a arrelviar-me.

— Há muitos casais que nunca chegam a ter filhos.

— Hum-hum.

— Cristo. A sua cunhada fez uma mastectomia radical. Isso faz com que *não seja uma mulher?*

A minha mãe fita-me, absorta.

— Perdeste a cabeça? — Levanta-se do sofá. — Vou nadar. Devas ir para a cama e começar o dia outra vez.

Apetece-me bater-lhe, mas, em vez disso, digo:

— Eles queriam filhos.

— Sabe Deus porquê. — Deixa que a porta de rede bata atrás dela.

1970. Outubro, cidade de Nova Iorque.

A minha mãe mandou-nos até à porta ao lado, ao apartamento do amante dela, para brincarmos com os filhos dele enquanto a esposa toma conta de nós. Estão a tentar decidir se ele deve deixar a mulher ou não. Já sou mais velha — não o suficiente para perceber isto, mas chega para pensar que é estranho olhar para o nosso apartamento, do outro lado do pátio interior, e ver o senhor Dancy a abraçar a minha mãe.

Na cozinha estreita, o filho de dois anos dos Dancys está na cadeirinha, a brincar com caixas *Tupperware*. A senhora Dancy está a observar uma barata prenhê que se virou de costas na ombreira da porta, entre a cozinha e a sala de jantar. Dela estão a jorrar baratas minúsculas que desaparecem rapidamente nas rachas do soalho de parquê. Anna sai de um quarto dos fundos com Blythe, a filha dos Dancys. Anna está a chorar. Blythe cortou-lhe a franja com uma tesoura de trabalhos manuais. O topo da testa de Anna está agora orlado com um crescente alto e irregular de cabelo castanho-escuro.

O sorriso triunfante e mesquinho de Blythe faz-me pensar em sanduíches de maionese. A mãe parece não reparar. Continua a fitar o inseto a rebentar, uma lágrima a escorrer-lhe pela face.

8h50

Sento-me no sofá, instalada no lugar quente que a minha mãe deixou vago. Já vejo algumas figuras a reunirem-se na pequena praia do outro lado da lagoa. De um modo geral, são locatários — turistas que chegaram às profundezas da mata e ficam extasiados por terem encontrado um idílio secreto. *Invasores de propriedade*, penso, irritada.

Quando éramos pequenos, todos em Back Woods se conheciam. As festas mudavam-se de casa para casa: mulheres descalças com vestidos estampados, homens elegantes de calças de sarja branca arregaçadas nos tornozelos, gins tónicos, bolachas de água e sal, *cheddar* para barrar, enxames de mosquitos e *Cutter* — finalmente um inseticida que funcionava. As estradas de areia que percorriam a mata ficavam salpicadas com o sol que era filtrado pelos pinheiros e pelos abetos. Quando nos dirigíamos à praia, levantávamos uma poeira fina de argila, perfumada com o cheiro do verão: seca, queimada, perene, doce. No meio da estrada, crescia erva alta e hera venenosa. Mas sabíamos o que evitar. Os carros que passavam abrandavam e ofereciam-nos boleia no degrau lateral ou no capô. Nunca ocorreu a ninguém que poderíamos cair e ficar debaixo do carro. Ninguém receava que os filhos pudessem ser arrastados pelas fortes correntes submarinas. Andávamos à vontade e nadávamos nas lagoas de água doce que pululavam em Back Woods. Chamávamos-lhes lagoas, mas, verdade fosse dita, eram lagos — alguns fundos e largos, outros baixos, vendo-se o leito — relíquias vetustas formadas no final da Idade do Gelo, quando os glaciares recuaram, deixando ficar blocos imensos de gelo suficientemente pesados para deixar marcas na crosta da Terra — depressões profundas na paisagem, caldeiras

cheias com a mais pura das águas. Havia nove lagoas na nossa mata. Nadávamos em todas, atravessando as propriedades alheias para chegarmos às pequenas enseadas arenosas, entrávamos pela água sobre os troncos de árvores caídas. Atirávamo-nos como balas de canhão. Ninguém nos ligava. Todos acreditavam na antiga servidão de passagem: pequenos carreiros sombreados que levavam às traseiras das antigas casas do Cape, construídas quando se abriram as primeiras estradas de terra batida, ainda de pé nas clareiras preservadas pela neve, pelo ar marítimo e pelos verões quentes. E agrião arrancado de um ribeiro — um ribeiro alheio, agrião alheio.

No lado da baía, o Cape era pastoral, mais civilizado. Cresciam arandos e loureiros nos montes baixos. Mas o lado do oceano era selvagem. Rebentação violenta e dunas tão altas que podíamos correr de uma grande altura e ver o chão a aproximar-se rapidamente para depois nos atirmos para a areia quente. Na altura, nenhum dos amigos da minha mãe se lamuriava como agora, acusando as crianças de destruírem as dunas só por brincarem nelas — como se as pegadas diminutas pudessem, se alguma forma, estar à altura das duras tempestades de inverno que devoram a terra com dentadas esfomeadas.

À noite, à volta de fogueiras na praia, adultos e crianças comiam hambúrgueres cheios de areia cobertos de *ketchup* e de outros condimentos, dispostos sobre mesas feitas de madeira trazidas pelas marés. Os nossos pais bebiam gim de frascos de compota e desappareciam nas trevas, além do brilho das chamas, para beijarem os amantes no meio da erva alta.

Com o tempo, as portas começaram a fechar-se, e apareceram os cartazes a lembrar que as propriedades eram privadas. Os filhos dos colonos originais — os artistas, os arquitetos, os intelectuais que haviam colonizado a zona — começaram a digladiar-se pelo tempo passado no Cape. Instalaram-se conflitos por causa do barulho nas lagoas, para decidir quem tinha mais direito do que os outros a amar a zona. Descobriram-se as carecas invejosas de muita gente. Hoje em dia, até as praias foram tomadas por cartazes que nos advertem para

não entrar: áreas enormes isoladas para proteger as aves marinhas que aí nidificam. As únicas criaturas que ainda dispõem de servidão de passagem são as tarambolas. Mas continua a ser a minha mata, a minha lagoa. O sítio para onde vou há cinquenta anos — todos os verões da minha vida. O sítio onde eu e Jonas nos conhecemos.

Do sofá do alpendre vejo a minha mãe a nadar a extensão da lagoa. As braçadas regulares, os braços a cortarem a água, uma perfeição quase mecânica. A minha mãe nunca ergue a cabeça quando nada. É como se sentisse para onde vai, uma baleia migradora a seguir um rumo antigo. Estou a pensar, como tantas vezes já fiz, se o sonar dela captará algo mais do que canções de baleias. *Ele devia deixá-la*. Será isso que eu quero? Gina e Jonas são os nossos amigos mais antigos. Passámos juntos quase todos os verões das nossas vidas adultas: abrimos ostras e engolimo-las vivas das conchas; vimos a lua cheia a nascer sobre o mar, enquanto ouvíamos Gina a queixar-se de que a Lua lhe piorava as dores de período; rezámos para que os pescadores locais começassem a abater as focas no porto; queimámos perus de Ação de Graças; discutimos sobre Woody Allen. Pelo amor da santa, Gina é madrinha da minha filha Maddy. E se Jonas deixasse mesmo Gina? Poderia eu traí-la assim? E, não obstante, já traí. Ontem à noite fodi-lhe o marido. E pensar nisso dá-me vontade de voltar a fazê-lo. Sinto um frémito pela espinha.

— Olá, esposa. — Peter beija-me a nuca.

— Olá para ti também. — Sobressalto-me e procuro agir com normalidade.

— Pareces perdida em pensamentos — comenta.

— Há café.

— Ótimo. — Remexe no bolso da camisa e tira os cigarros. Acende um. Senta-se ao meu lado no sofá. Adoro o modo como as pernas compridas lhe espreitam dos calções de banho desbotados. Pueril.

— Nem acredito que ontem me deixaste adormecer no sofá.

— Estavas exausto.

— Deve ter sido o *jet lag*.

— Como te compreendo — digo, revirando-lhe os olhos. — Aquela diferença de uma hora para Memphis quase deu cabo de mim.

— É verdade. Mal consegui acordar esta manhã. O relógio marcava nove, mas juro que me pareciam oito.

— Engraçadinho.

— Bebi muito.

— Belo eufemismo.

— Fiz alguma coisa parva?

— Além de te teres recusado ler o poema do Shelley à Anna e de teres arranjado confusão por causa dos quacres?

— Olha, toda a gente diz que eles são fascistas — defende-se. — Violentíssimos.

— És um parvinho. — Beijo-lhe a face adorável com a sua barba matinal. — Tens de fazer a barba.

Empurra os óculos nariz acima, passa a mão pelo cabelo louro-escuro encaracolado, que já começa a encanecer nas fontes, tentando dar-lhe alguma ordem. O meu marido é um homem bem-apegoado. Não é bonito, mas é atraente, ao estilo das estrelas de cinema da velha guarda. Alto. Elegante. Britânico. Um jornalista respeitado. O tipo de homem que fica sensual de fato. Um verdadeiro Atticus. Paciente, mas formidável quando zangado. Consegue manter um segredo. Raramente se atrapalha. Neste momento, está a mirar-me como se conseguisse cheirar o sexo em mim.

— Onde estão os miúdos? — Peter agarra numa das grandes cascas de amêijoas que forram o parapeito da janela de rede, vira-a e apaga nela o cigarro.

— Deixei-os dormir. A minha mãe detesta que façam isso. — Tiro-lhe a concha, levo-a até à cozinha, despejo a beata para o lixo, passo-a por água. A minha mãe já quase chegou à margem oposta.

— Jesus, como aquela mulher nada! — exclama Peter.

A única pessoa que já vi vencer a minha mãe numa corrida foi Anna. Anna não nadou pela lagoa... voou. Deixou toda a gente para trás. Sigo uma águia-pesqueira a traçar o céu, seguida de um pequeno

pássaro preto. O vento agita as folhas de nenúfar na superfície da lagoa. Suspiram, exalam.

9h15

Peter está na cozinha a fazer ovos mexidos. Do alpendre cheiro cebolas a fritar. Na bancada, um monte de *bacon* fumado em macieira ensopa a gordura em papel de cozinha. Nada melhor do que *bacon* e ovos para uma ressaca. Verdade seja dita, não há nada melhor do que *bacon*. O manjar dos deuses. Como rúcula, azeite não filtrado e pickles de beringela *Patak's*. A comida que levava para a providencial ilha deserta. Isso e massa. Fantasiei, muitas vezes, que sobrevivia sozinha numa ilha deserta. Que me alimentaria de peixe; que faria uma casa numa árvore, longe do solo, para que os animais selvagens não me alcançassem; ficava mais do que em forma. Na minha fantasia, há sempre um volume das *Obras Completas de Shakespeare* que foi dar à costa e, sem mais nada que fazer para passar o tempo, leio (com olhos de ler) cada verso. As circunstâncias obrigam a que me torne, finalmente, a melhor versão de mim própria — o suposto eu potencial. As minhas outras fantasias centravam-se na prisão ou no exército: algures onde não tivesse opções, onde cada segundo do meu dia estivesse atribuído, onde receasse fracassar. Autodidatismo, cem flexões e bolachas secas com água — eram estes os meus sonhos de infância. Só muito mais tarde é que Jonas entrou na equação.

Entro na cozinha e levo a mão a uma fatia de *bacon*. Peter afasta-a com uma palmada.

— Ainda não. — Junta queijo ralado aos ovos, mói pimenta em grão.

— Porque estás a usar a caçarola? — Detesto a maneira como os britânicos fazem ovos. Não será óbvio? Uma frigideira antiaderente e imensa manteiga. Este método lento e parvo de cozinhar deixa-me com uma panela completamente impossível de lavar. Vai ter de ficar dois dias de molho. — *Grr*. — Espeto-o com uma espátula.

Peter tem a roupa cheia de nódoas de gordura.

— Desampara-me a loja, linda. Quem está a fazer os ovos sou eu. — Dirige-se à caixa do pão, pega numa série de fatias. — Vai torrá-las, por favor.

Sinto o rosto enrubescer, um súbito aflorar de calor ao imaginar as minhas cuecas amarfanhadas atrás da caixa, um monte de renda preta, a nudez debaixo da saia, a forma como o dedo dele me roçou coxa acima.

— Olá? Terra chama Elle.

A torradeira da minha mãe aceita duas fatias de cada vez. Queima o pão de um lado e deixa-o cru do outro. Ligo o forno no modo *Assar* e começo a dispor o pão num tabuleiro. Pego na manteiga, sem saber se o devo barrar antes ou depois.

— Quanto tempo?

— Oito minutos — diz Peter. — Doze, no máximo. Vai acordar os miúdos.

— Devíamos esperar pela mãe.

— Os ovos vão ficar duros.

Olho para a lagoa.

— Ela está a meio caminho.

— Quem vai nadar perde o lugar.

— 'Tá bem. Depois ouve-la tu. — Quando a minha mãe está ofendida, faz com que todos os que a rodeiam se sintam igualmente afetados. Mas Peter está-se a cagar para as merdas dela. Ri-se dela, diz-lhe para deixar de ser tola, e, não sei porquê, ela aceita.

1952. Cidade de Nova Iorque.

A minha mãe tinha oito anos quando Nanette Saltonstall, a mãe *dela*, se casou pela segunda vez. Nanette era uma *socialite* nova-iorquina — bonita e egoísta, famosa pelos seus lábios carnudos

e cruéis. Em criança, a minha avó Nanette fora abastada — mimada pelo pai banqueiro. Mas a Quinta-Feira Negra mudou tudo. A família mudou-se da casa da Quinta Avenida para um apartamento escuro em Yorkville, onde o único luxo que o meu bisavô, George Saltonstall, ainda mantinha era o vodca-martíni das seis da tarde, mexido com uma colher de prata comprida num misturador de cristal. A única moeda de troca que lhes restava era a beleza da filha mais velha: Nanette casar-se-ia com um homem rico e salvaria a família. Pelo menos era esse o plano. Em vez disso, foi para uma escola de moda em Paris e apaixonou-se pelo meu avô, Amory Cushing, um burguês de Boston que era um escultor na penúria, cuja única riqueza era uma velha casa no Cape, nas margens de uma remota lagoa glacial de água doce, na mata do Massachusetts. Herdara a casa e a lagoa de um tio afastado.

O avô Amory construiu o *nosso* campo durante o breve período em que ele e a minha avó estiveram apaixonados. Escolheu uma extensão comprida e estreita de costa, oculta da sua casa por uma curva acentuada no terreno. Tencionava alugar os pavilhões no verão como fonte de rendimento adicional para sustentar a jovem esposa glamorosa e dois filhos pequenos. No exterior, os pavilhões eram sólidos — casas impermeáveis que haviam suportado inúmeros invernos agrestes, tempestades, gerações de famílias e suas questões. Mas o meu avô estava a ficar sem fundos, pelo que fez as paredes interiores e os tetos com cartão prensado *Homasote*, barato e prático, e batizou o campo com a alcunha Palácio de Papel. Claro que não contava que a minha avó o deixasse antes de acabar de o construir. Nem que os ratos achassem o *Homasote* delicioso e roessem buracos nas paredes todos os invernos, dando o papel regurgitado, qual pequeno-almoço de *muesli*, aos bebés minúsculos que dão à luz dentro das gavetas da escrivaninha. Todos os verões, a pessoa que inaugura o campo tem como tarefa despejar ninhos de rato para a mata. Não podemos censurar os ratos: os invernos no Cape são duros, como os peregrinos tiveram oportunidade de sentir na pele. Mas

o mijo de rato tem um cheiro agradável, e sempre detestei os aterrados guinchos de desalento quando estes são atirados das gavetas de madeira para os arbustos.

Depois de se divorciar do meu avô, a avó Nanette passou uns meses a pavonear-se pela Europa, tomando banhos de sol em *topless* em Cadaqués, a beber xerez fresco com homens casados, enquanto a mãe e o irmão mais novo, Austin, esperavam em átrios de hotéis. Quando o dinheiro acabou, Nanette decidiu que estava na altura de voltar a casa e fazer o que os pais sempre haviam querido que ela fizesse logo à partida. Pelo que se casou com um banqueiro. Jim. Era um indivíduo que parecia decente. Andover e Princeton. Comprou a Nanette um apartamento sobranceiro ao Central Park e um gato siamês de pelo comprido. A mãe e Austin frequentaram colégios privados finos em Manhattan, nos quais os meninos do primeiro ano tinham de usar casaco e gravata, e a mãe aprendeu a falar francês e a fazer merengue gelado.

Na semana antes do seu nono aniversário, a minha mãe fez o seu primeiro broche. Primeiro observou o modo como o pequeno Austin, com as mãozinhas de seis anos a tremer, segurava o pénis do padrasto até que endurecesse. Jim disse-lhes que era tudo muito natural, e não queriam eles fazê-lo feliz? Segundo a minha mãe, quando finalmente me contou a história, a pior parte era a ejaculação branca e pegajosa. O resto, talvez tivesse conseguido aguentar. Além disso, detestava o calor do pénis dele, o leve travo a urina. Jim ameaçava-os com violência caso algum dia contassem à mãe. Não obstante, contaram-lhe, mas ela acusou-os de estarem a mentir. Nanette não tinha para onde ir, não tinha dinheiro seu. Quando encontrou o marido no quarto da criada, junto à cozinha, a montar a ama, disse-lhe que não fosse tão ordinário e fechou a porta.

Certa tarde, Nanette chegou a casa mais cedo do almoço no Clube. A amiga Maude tinha uma dor de cabeça, e a minha avó não quis ir sozinha ao Frick. O apartamento estava vazio — só o gato, que se enroscou nos tornozelos dela à entrada, arqueando sedutoramente

o lombo. Deixou o casaco de pele no banco, descalçou os saltos altos e percorreu o corredor até ao quarto. Jim estava sentado num cadeirão, as calças em baixo. A minha mãe estava de joelhos à frente dele. A minha avó dirigiu-se a eles e deu uma bofetada à minha mãe.

A minha mãe contou-me esta história quando fiz dezassete anos. Eu estava furiosa porque ela dera dinheiro a Anna para comprar um batom novo no Gimbel's, enquanto eu ficara em casa a tratar das tarefas domésticas.

— Por amor de Deus, Elle — disse ela, comigo ao lava-louça, a barafustar por causa de uma pilha de pratos. — Tens de lavar um prato... não vais ter um batom novo. Eu tinha de fazer broches ao meu padrasto. O Austin só precisava de o masturbar. O que queres que te diga? A vida não é justa.

9h20

O estranho, penso eu agora, percorrendo o carreiro a caminho do pavilhão dos miúdos, é que a minha mãe perdeu o respeito pelas mulheres, mas não pelos homens. A tara do padrasto foi uma verdade dura, mas o que a gelou foi a traição da mãe dela. No mundo da minha mãe, são os homens que recebem o respeito. Ela acredita em telhados de vidro. Peter não tem como errar. «Se queres que o Peter seja feliz quando chega a casa do trabalho», aconselhou-me a mãe há anos, «veste uma blusa nova, enfia o diafragma e sorri».

Pensa em Botticelli.

CAPÍTULO 3

1971. Abril, Nova Iorque.

O senhor Dancy fita a pequena banheira quadrada na casa de banho da criada junto à cozinha sem luz natural do nosso apartamento. A senhora Dancy mudou-se do edifício, o senhor Dancy visita-nos com frequência, as mangas da camisa arregaçadas a exhibir os braços musculosos. As torneiras de esmalte que está a fechar têm letras, Q e F. O velho ralo de latão brilha no fundo da água fria. Um crocodilo minúsculo que o senhor Dancy comprou em Chinatown como animal de estimação para os filhos nada às voltas na banheira. Disseram-lhe que era uma espécie de crocodilo que nunca cresce mais do que um palmo. Mas agora soube que foi enganado. O crocodilo não passa de um bebé. Dentro de muito pouco tempo tornar-se-á perigoso. Mesmo naquela pequena banheira, já se vê uma luz ameaçadora nos olhos. Faço descer um pauzinho chinês de madeira até à água e vejo o crocodilo mordê-lo furiosamente, com dentadas ansiosas.

— Dá-me o pau — diz Anna, debruçando-se perigosamente junto à água. — Dá-me! — A trança preta comprida rasa a superfície da água como um isco.

Passo-lho, e ela espeta a criatura. O senhor Dancy observa, afaga o bigode cor de caramelo. Dali a pouco, retira o crocodilo bebé da água pela cauda e segura-o por cima da sanita. O animal contorce-se no ar, tentando alcançar-lhe o pulso. Fico a vê-lo, fascinada, largá-lo para dentro da sanita e puxar o autoclismo.

— Não podíamos ficar com ele — informa. — Crescia e ficava um monstro.

— Carl — chama a minha mãe, algures no apartamento —, que-
res uma bebida? O jantar está quase pronto.

1971. Junho, Nova Iorque.

É a minha primeira semana e de Anna no apartamento novo do nosso pai. Mesmo sendo um sítio seboso em Astor Place, ele fá-lo parecer exótico e aventureiro. O ambiente está pesado, quente, não há ar condicionado — as ligações elétricas são muito velhas para aguentar —, mas ele arranjou-nos uma ventoinha. E promete-nos que, assim que receber o ordenado, nos vai comprar a cada uma uma boneca *International Doll*. Quero a da Holanda. Ele promete-nos muitas coisas fantásticas, mas lá acabamos por não contar com elas. «A partir de agora sou só eu e as minhas meninas.» Saltamos na nossa nova cama de rodízios, dançamos ao som dos Monkees e comemos iogurtes *Dannon* de mirtilo. Se formos mexendo a fruta que está no fundo, o iogurte vai ficando cada vez mais escuro, explica-nos ele quando liga a televisão para as notícias da noite.

À segunda-feira de manhã, o nosso pai veste-se com elegância, com um fato azul de riscas *Brooks Brothers* e brogues castanhos que deixou a brilhar com uma camurça. Cheira a *Old Spice* e a espuma de barbear. Olha-se ao espelho do *hall*, penteia-se com um pequeno pente de casca de tartaruga, acerta a gravata para que fique exatamente ao meio do colarinho engomado, puxa os punhos da camisa, centra os botões de punho de ouro. «Quando era novo, o vosso pai era afamadamente elegante», diz-nos a nossa mãe. «Quando jogava futebol em Yale, chamavam-lhe a Bela do Baile. Esse jogo tonto deu-lhe cabo dos joelhos.»

Agarro-me à ponta do casaco dele enquanto descemos as escadas sombrias e barulhentas. Tenho o cabelo emaranhado. Ninguém me lembrou de o pentear. A ansiedade aperta-me o estômago. Hoje

é o nosso primeiro dia no Triumph Day Camp. Eu e Anna vamos apanhar o autocarro sozinhas. Ambas envergamos os nossos uniformes do campo: calções azul-escuros e *T-shirts* brancas que dizem *TRIUMPH* à frente. Nas costas dizem *Todas as Raparigas São Campeãs*.

— São muito poucas as raparigas neste mundo com a sorte de poderem usar uma camisola assim — diz-nos o nosso pai.

A caminho do autocarro, paramos no Chock full o’Nuts, e ele compra-nos sanduíches de queijo-creme e de bolo de tâmaras e noz para o almoço. Não quero que se zangue comigo, mas sou traída pelas lágrimas, que me chegam com vontade própria. Detesto queijo-creme, respondo-lhe, quando me pergunta o que foi. Diz-me que de certeza que vou gostar e entrega-me o saco de papel. Posso ver que está irritado, o que me preocupa. Quando nos enfia no autocarro para o campo, suplico-lhe que não me obrigue a ir. Ele não pode estar em dois sítios ao mesmo tempo, diz-me. Tem de ganhar a vida. Críticas literárias que escrever. A *Time-Life* aguarda-o. Mas vai estar à nossa espera quando o autocarro voltar. E promete que vou adorar o campo.

Quando o autocarro entra no trânsito da Sexta Avenida, vejo-o ficar cada vez mais pequeno. Rasgo um canto do saco de papel do meu almoço e mastigo-o até formar uma bola. E se tiver de fazer chichi? Como saberei aonde ir? Quero um crachá de natação, mas não posso ir para fora de pé. Anna conversa com a menina ao lado dela, ignorando-me, e antes de o autocarro chegar a Westchester já comeu metade da sanduíche dela.

O Triumph Day Camp fica num lago. Passamos por campos de baseball, um campo coberto de grandes alvos de dardos, uma tenda índia gigante. O condutor põe-se atrás de uma longa fila de autocarros amarelos. O parque de estacionamento é um mar de raparigas. Todas usam as mesmas *T-shirts Triumph*.

As minhas orientadoras apresentam-se como June e Pia. Ambas envergam camisolas *Triumph*, mas as delas são de um vermelho-garrido.

— Bem-vindas, *cinco a sete!* Para as novas: se precisarem de nos encontrar, procurem as camisolas vermelhas — indica June. — Levantem a mão se tiverem estado no Triumph no ano passado.

A maior parte das raparigas do meu grupo levanta a mão.

— Então *já são* campeãs!! Mas primeiro: vamos aos vossos cacifos guardar o almoço. Estamos no Little Arrow. — Põe-nos em fila atrás dela, leva-nos a um grande edifício castanho. Pia encerra a fila. — Para garantir que não há retardatárias. Regra número um: Nunca, *nunca*, deixem o vosso grupo. Mas, se por acaso se separarem, não se mexam. Sentem-se onde estiverem e esperem. Uma de nós vai buscá-las — informa-nos Pia.

Na borda de cada cacifo está um pedaço de fita adesiva de papel com os nossos nomes e datas de nascimento escritos a marcador. *Eleanor Bishop, 17 de setembro de 1966.* Mordo o dedo. Agora, todas vão ficar a saber que ainda nem fiz cinco anos e ninguém vai querer brincar comigo. Barbara Duffy tem o cubículo ao lado do meu. Tem sete anos e uma lancheira dos Beatles.

— Peguem nas mochilas! — diz June. — Vamos à casa de banho e depois vestimos os fatos de banho. Quem é que aqui sabe boiar? Ali é o estúdio de arte. — Aponta para uma sala que cheira a cartolina e a cola.

O balneário está ladeado por pequenos cubículos com cortinas. Entro num e fecho a cortina. Já estou de cuecas quando percebo que o meu pai se esqueceu de me mandar um fato de banho. Quando me volto a vestir, já todas foram para o lago. Sento-me num banco de madeira.

June e Pia só dão pela minha falta à hora do lanche, quando contam as presenças depois do banho. Do balneário ouço-as chamarem o meu nome. Ouço um apito, um som agudo que parece de pânico.

— Todas para fora da água — ouço uma salva-vidas gritar. — Já!

Fico sentada muito quieta, à espera de que alguém me vá buscar.

9h22

Os degraus do pavilhão — três tábuas de pinho ligadas por suportes que antes de eu nascer já estavam à beira de se partir devido à ferrugem — cedem sob o meu peso. Bato à porta dos miúdos. É uma daquelas portas de estrutura metálica com redes e vidraças que podem ser levantadas ou descidas, encaixando-se com um clique agradável. Tenho os meus três filhos em segurança nas suas camas, o soalho pintado de amarelo coberto de toalhas e fatos de banho molhados. A minha mãe tem razão. Eles são mesmo uns porcos.

— *Ó pessoal!* Pequeno-almoço! — Bato com força na porta.
— Toca a levantar.

Jack, o meu mais velho, vira-se na cama, mira-me com um desdém frio e tapa a cabeça com o cobertor de lã áspera. Está a ser obrigado a partilhar o espaço com os mais pequenos durante algumas noites, enquanto a minha mãe fumiga o pavilhão dele por causa das formigas. Os dezassete anos são uma idade terrível.

Os mais novos aparecem, remelosos, vindos dos seus casulos, os olhos a pestanejarem à luz da manhã.

— Mais cinco minutos — geme Maddy. — Nem sequer tenho fome. — Madeline tem dez anos. De uma beleza estonteante, como a minha mãe. Mas, ao contrário das mulheres da nossa família, tem ossos delicados, com uma pele de um rosa-pálido tipicamente inglesa, os olhos cinzentos de Peter e o cabelo escuro e grosso de Anna. Sempre que olho para ela, fico fascinada como esta criatura saiu de mim.

Finn sai da cama nas suas cuecas largas adoráveis, esfrega a areia dos olhos. Meu Deus, como o adoro. As bochechas têm pequenos vincos da fronha. Só tem nove anos — ainda é praticamente um menino. Mas também ele, não tarda, vai tratar-me com um desprezo atroz. Quando Jack nasceu, olhei para o bebezinho que tinha nos braços, um leitãozinho perfeito, beijei-lhe as pálpebras e disse: «Adoro-te tanto, mas um dia, faça eu o que fizer, vais odiar-me. Pelo menos durante algum tempo.» É um facto da vida.

— Está bem, meus queridos. Venham se quiserem, se não quiserem, não venham. Mas o pai está a fazer ovos, e vocês sabem o que isso quer dizer.

— Um pesadelo e uma balbúrdia do caraças — comenta Jack.

— Ora nem mais. — Desço os degraus. — Tento na língua — digo para trás de mim, já a andar pelo carreiro de agulhas de pinheiro.

Espero que a porta do meu pavilhão se feche antes de me permitir soltar o fôlego que tenho estado a suster desde que Peter me sobressaltou no alpendre. A normalidade de tudo o que se encontra no nosso quarto parece impossível: roupas penduradas em cabides metálicos vetustos num varão improvisado de madeira. A nossa cómoda de carvalho com a gaveta do fundo que empana quando chove. A cama onde eu e Peter dormimos desde há tantos anos, enroscados como samambaias, entrelaçados em suor, sexo e beijos, o cheiro agridoce dele. Deixou a cama por fazer.

Penduro o robe num prego enferrujado que faz as vezes de gancho. Ao lado está um espelho baço de corpo inteiro, envelhecido por meio século de humidade e de gelo. Sempre dei graças pelo reflexo fosco, pelas manchas. Posso olhar-me através de um filtro sarapintado de prata que me oculta as imperfeições: a cicatriz irregular que tenho no queixo desde a noite em que eu e Peter fomos assaltados; a comprida cicatriz fina que me atravessa a barriga, ainda visível depois de cinquenta anos; a pequena cicatriz branca por baixo.

Jack não demorou a aparecer. Mas, depois de Jack, nada. Por mais que nos esforçássemos, qualquer que fosse a posição, pernas levantadas, pernas esticadas, descontraída ou tensa, por cima ou por baixo. Nada. Ao início pensei que fosse por causa de Jack. Talvez se tivesse rasgado alguma coisa durante o parto. Ou talvez eu o amasse demasiado para deixar que fosse partilhado. O médico acabou por fazer uma pequena incisão logo acima da púbis e enfiou-me uma câmara no corpo, à procura de respostas.

— Bom, minha jovem — anunciou quando despertei da anestesia —, houve alguém que lhe arranjou uma grande confusão aí dentro

quando era bebê. Com tanto tecido cicatricial, até parece um *Western Spaghetti*. E, pior ainda, o cirurgião conseguiu extirpar-lhe o ovário esquerdo. Mas há boas notícias — acrescentou, quando comecei a chorar. — A trompa saudável deparou-se com um contratempo, está tapada com um pedacinho de tecido cicatricial. Os óvulos estavam a acumular-se lá atrás. Já a voltei a abrir.

Maddy nasceu um ano depois. E Finn, onze meses depois disso.

— Parabéns — disse o médico, estava eu deitada na marquesa, com Peter ao lado. — Vão ter gémeos irlandeses.

— Gémeos *irlandeses*? — exclamou Peter. — Isso não é possível.

— É claro que é — afirmou o médico.

— Bom — disse Peter. — Se tiver razão vou ter de encontrar o irlandês bêbedo que andou metido com a minha mulher e atirá-lo da falésia mais alta de Kilkenny, direitinho ao mar.

— Kilkenny não tem costa — corrigiu o médico. — Estive lá há uns anos, num torneio de golfe.

Ponho-me à frente do que resta de espelho e miro o meu corpo nu, avaliando-o, procurando algo no exterior que possa revelar a verdade, o pânico no meu íntimo, a fome, o remorso, o desejo ansioso por mais. Mas só vejo a mentira.

— Pequeno-almoço! — chama Peter da Casa Grande. — Prà mesa.

Visto o fato de banho, pego num sarongue e corro pelo carreiro, batendo à porta dos miúdos. Quando me aproximo da Casa Grande, recomponho-me e abrando. Não é minha natureza pôr-me em sentido, e Peter sabe bem disso. Atravesso um renque de arbustos até à margem húmida, enfio os dedos dos pés na areia molhada. Na lagoa, as pernas da minha mãe deixam um rasto branco atrás dela. A água está a ficar azul. Não tarda, até os verdes-acastanhados transparentes dos baixios vão ficar espelhados. Pelo menos durante essas poucas horas, os vairões e os achigãs que pairam sobre os seus ninhos arenosos serão invisíveis. O que jaz nas profundezas estará oculto de todos.

1972. Junho, Back Woods.

Corro pela mata de camisa de dormir de algodão, seguindo o carreiro que liga o nosso campo à casa do meu avô Amory. O caminho acompanha a forma do terreno colina acima e de volta à margem irregular da lagoa. O meu pai dividiu-o entre as nossas duas propriedades quando ele e a minha mãe ainda estavam juntos. O avô Amory chama-lhe o «Caminho do Intelectual», pois, segundo diz, anda às voltas sem nunca chegar a um destino. Onde o carreiro se aproxima da casa do meu avô há uma descida íngreme. Corro por ela, tendo o cuidado de não bater com os dedos dos pés nos tocos dos arbustos que o meu pai cortou. Esses tocos chatos são o outro único legado que o meu pai deixou a este sítio.

Passo em bicos dos pés junto à janela do quarto do meu avô, tendo o cuidado de não o incomodar, e depois corro até ao extremo da doca de madeira. Sento-me, molho os pés na água, coço a barriga, esforço-me por ficar imóvel. Bolhas microscópicas cobrem-me os pés com uma película gaseificada. Não tarda chegam. Espera. Não te mexas. Deixa que os teus pés sejam iscos. E então os peixes chegam das sombras. A coragem sobrepõe-se ao medo que sentem, e, por fim, sinto um leve sugar. Um a um, os achigãs beijam-me os pés, aspirando com a boca flocos de pele morta e as migalhas do solo da floresta que se prenderam a mim. Adoro os achigãs. São da cor da água da lagoa, com lombos sarapintados e uns lábios franzidos tão queridos. Todas as manhãs lhes trago este pequeno-almoço de pés frescos.

Quando volto a casa, a minha mãe e o senhor Dancy ainda estão na cama. O pavilhão deles tem uma janela de vidro com vista para a lagoa. Entro-lhes no quarto sem bater e ponho-me aos saltos no colchão com os pés molhados e cheios de areia. A minha camisa de dormir ergue-se no ar sempre que desço.

— Rua — resmungo o senhor Dancy, meio a dormir. — Wallace, pelo amor de Deus.

Pela janela vejo Anna e a melhor amiga de verão, Peggy, na água, a molharem-se uma à outra. Peggy tem cabelo ruivo e sardas.

— O que é isso? — A minha mãe aponta-me para a barriga.
— Pára quieta!

Paro de saltar, levanto a camisa de dormir e deixo-a observar-me a barriga. Está coberta de manchas vermelhas.

— Oh, valha-me Deus — exclama. — Varicela. Como é que isto aconteceu? É melhor ir ver como está a Anna.

— Fazem-me comichão — digo, saltando da cama.

— Fica aqui — ordena a minha mãe. — Vou buscar a loção de calamina.

— Quero ir nadar.

— Fica neste quarto. Não te quero a contagiar a Peggy.

Passo por ela e corro para a porta.

O senhor Dancy agarra-me o braço com força.

— Ouviste a tua mãe.

Tento libertar-me, mas ele aperta-me ainda mais.

— Pára, Carl. Estás a magoá-la — diz a minha mãe.

— Ela tem de ser controlada.

— Por favor — insiste a mãe. — Ela tem cinco anos.

— Não me digas como fazer o meu trabalho.

— É claro que não — diz a mãe, apaziguadora.

Ele desvia os cobertores e começa a vestir-se.

— Se quiser lidar com fedelhos mimados, passo tempo com os meus filhos.

— Aonde vais? — A voz da minha mãe parece tensa, aguda.

— Depois falamos, na cidade. Este sítio deixa-me ansioso.

— Por favor, Carl.

A porta bate com força.

— Não. Te. Mexas! — exclama a mãe. — Se te encontro fora deste quarto, vais pagá-las. — E sai a correr, para o impedir.

Sento-me na cama e vejo Anna a pegar na máscara e no tubo de respiração. Acocora-se junto à água, as costas para a lagoa, mergulha

a máscara na água, despeja-a, cospe-lhe. Atrás dela, Peggy avança para a água mais funda. A cada passo, desaparece mais um pedaço dela. O motor de um carro liga-se. Ouço a minha mãe gritar, a voz ficar cada vez mais desvanecida à medida que corre pelo acesso, atrás do carro do senhor Dancy. Vejo o fundo do rabo de cavalo ruivo de Peggy a desaparecer. Agora só a cabeça dela está acima da água, a flutuar, incorpórea. Agora só o topo da cabeça, qual casca de tartaruga. Agora Peggy é um rasto de bolhas. Imagino os achigãs a darem-lhe os seus beijos gentis. As bolhas param. Espero que ela volte a aparecer. Bato no vidro, tentando chamar a atenção de Anna. Sei que ela me ouve, mas não se dá ao trabalho de olhar. Volto a bater, agora com mais força. Anna deita-me a língua de fora, sentando-se na praia para calçar as barbatanas amarelas.

O PALÁCIO DE PAPEL

Uma história fascinante e surpreendente que ilustra, de forma brilhante, as tensões entre desejo e segurança, legado e tragédia, e os segredos que todas as famílias escondem.

Numa manhã perfeita de agosto, Elle Bishop sai para nadar na lagoa do Palácio de Papel – uma casa em Back Woods, Cape Cod, onde a sua família passa todos os verões há muitas gerações.

Ao passar em frente à casa, Elle vê, no alpendre fechado, a mesa desarrumada com as coisas do jantar da véspera: copos de vinho vazios, a cera das velas na toalha, ecos das gargalhadas de familiares e amigos. Quando mergulha na lagoa, lembra-se do que aconteceu na noite anterior: o encontro secreto e apaixonado com o seu companheiro de infância, atrás da casa, enquanto o marido, a mãe e os convidados conversavam no interior.

Assim começa uma história que se desenrola ao longo de vinte e quatro horas. Elle terá de decidir entre o mundo que construiu com o seu amado marido, Peter, e a vida que sempre imaginou que teria ao lado do seu amor de infância, Jonas, se um acontecimento trágico não tivesse mudado para sempre o curso das suas vidas.

«Uma estreia cheia de força, que cria um cenário enebriante, resplandecente e autêntico.»
Sunday Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

  [penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-596-036-1



9 789895 960361